

LER O QUADRO, LER-SE NO QUADRO EM QUADRO

Valdecir SANTOS¹

Universidade do Estado da Bahia
Valdecyr_lima@yahoo.com.br

Resumo: De acordo com a Lei 10.639/2003, o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira passa a ser obrigatório aos níveis Fundamental e Médio, nas escolas brasileiras. Neste artigo, busca-se refletir a relevância do uso de Histórias em Quadrinhos com personagens negros, inseridas no âmbito educacional, como material político-pedagógico capaz de contribuir na formação leitora de crianças e jovens. Para tanto, elaboramos a hipótese de que as narrativas quadrinizadas com heróis e heroínas negras, ao propor um discurso estético-ideológico, pautado na sua própria história e cultura, corrobora positivamente para a construção de uma identidade positiva, elevando a autoestima desse grupo étnico. Esta análise baseia-se nos pressupostos teóricos dos Estudos Pós-Colônias e Étnicos-Raciais, visto que estes, em seu processo de alargamento, veicularam-se a outros campos do saber, como a Educação, contribuindo para o estabelecimento de vias, organizativas e discursivas, que propiciam fissura nas concepções eurocêntricas, até então propostas – por vezes impostas -, ao valorizar a história do povo negro, seja em África, no Brasil, ou em outros espaços territoriais em que estes se encontrem, assumindo sempre um cunho transversal e transdisciplinar. Como objeto de estudo, elegemos duas personagens de quadrinhos: *Suriá*, da revista *Suriá, a garota do circo*, criada por Laerte, em 1997; e *Luana*, da revista *Luana e sua turma*, de Aroldo Macedo, publicada no ano de 2000. A escolha dessas personagens se dá por estas encontrarem-se estruturadas dentro de uma perspectiva que (re)afirma ser, os quadrinhos, um mecanismo fundamental na aprendizagem do aluno e na prática da alteridade, além de ser um instrumento lúdico que incita à leitura e a produção de sentidos.

Palavras-chave: Histórias em Quadrinhos; Identidade; Lei 10.639/2003; Práxis pedagógica.

1. APRESENTAÇÃO

As mobilizações em torno de se contar novas e outras histórias sobre a comunidade negra vem cada vez mais ganhando maiores espaços. Nesta última década podemos observar uma redefinição de lugares do povo de etnia negra na sociedade brasileira. Contudo, os modos de apropriação desses espaços, sociais e políticos, foram se constituindo, socialmente, de forma lenta, por meio de contestações, negociações, acordos, coerções, tensões, rasuras, tudo isso em um ambiente, social e político, permeado de contradições e conflitos.

Essas redes relacionais de articulações foram imprescindíveis para que leis fossem criadas objetivando o estabelecimento da comunidade negra nas áreas cêntricas, visto que esta, devido às políticas públicas de base colonialista, implementadas no país, mantiveram-se

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Estudo de Linguagens – PPGEL, linha de pesquisa em Leituras, Literatura e Identidade, do Departamento de Ciências Humanas. As discussões deste trabalho estão inseridas na pesquisa de mestrado *Com que cor se pinta o negro nas Histórias em Quadrinhos*, orientada pelo Professor Dr.º Sílvio Roberto dos Santos Oliveira.

durante muito tempo inviabilizados. Dentre essas medidas legislativas podemos citar a Lei 10.639/2003, que inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática História da África e da Cultura Afro-brasileira, e que, ao longo desses 10 anos de lutas incansáveis e conquistas, implementaram modos de resistência diversas, buscando fomentar uma consciência crítico reflexivo contrária à práticas educacionais etnoexcludentes. Tais práticas, pautadas na história e cultura do povo negro, buscam favorecer sua reconstrução identitária, autoestima e cidadania, assim como oportunizar melhorias no processo de ensino aprendizagem das crianças e jovens que adentram ao espaço escolar todos os dias.

Entre os diferentes caminhos que vem se configurando para que esta prática político-pedagógica se efetive, podemos citar o uso na sala de aula de Histórias em Quadrinhos, aqui especificamente, as com personagens negros, no papel de herói e heroína das narrativas. Ação que, desde 1996, vem sendo delineada, quando o Governo Federal instituiu, através dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCN's, que esta linguagem deveria ser utilizada nas aulas de Língua Portuguesa e Artes em acordo a sua relevância. Em 2006, esta ação alargou-se. O governo criou o Programa Nacional Biblioteca da Escola – PNBE, com títulos diversificados, dentre os quais incluiu um número expressivo de narrativas quadrinizadas.

No entanto, o que podemos observar dentre essas reformulações no sistema educacional brasileiro, é que as publicações que comumente circulavam e circulam, são na sua maioria constituída das personagens de etnia branca. Salvo raras exceções, aparecem personagens de etnia negra. Realidade que deveria ser diferente, ou equilibrada, visto que, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, metade da população brasileira, entre pardos e pretos, são negros ou descendem deste grupo étnico racial.

Refletindo sobre estas facetas, observamos a importância de se fazer circular neste espaço heterogêneo do conhecimento, que é a sala de aula, novas e outras Histórias em Quadrinhos, agora com personagens negras na centralidade do discurso. Tal opção se caracteriza por ser esta narrativa, com sua “[...] linguagem própria – híbrida da linguagem escrita e da imagem desenhada -” (VERGUEIRO, 2009, p. 17), uma ferramenta apta a democratizar o saber, na medida em que estimulam e despertam o interesse e o senso crítico dos educandos pelo mundo lúdico da leitura.

Além do que, esta forma interativa e discursiva de linguagem, ao abordar a história e cultura africana e afro-brasileira, torna-se mais uma forma de resistência, um dos meios de assegurar, valorizar e difundir o legado cultural, filosófico e religioso do povo negro, tão presentes na forma de pensar e na organização da vida da sociedade brasileira. As narrativas

quadrinizadas acabam por nos ensinar que em paralelo a este mundo institucionalizado em que vivemos, coexistem outros mundos que precisam ser descobertos e experienciados. E a leitura pode nos levar a cada um deles.

Desta forma, buscando propiciar esta dimensão formativa ao educandos através da leitura de Histórias em Quadrinhos com personagens de etnia negra, nos debruçaremos sobre as personagens *Suriá*, da revista *Suriá, a garota do circo*, criada por Laerte, em 1997, e *Luana*, da revista *Luana e sua turma*, de Aroldo Macedo, publicada no ano de 2000. Partimos da compreensão que estas personagens, com suas histórias interessantes, criativas, inusitadas, podem exercer um efeito transformador na vida dos estudantes, pois, a leitura “[...] não é somente uma operação abstrata de inteligência; ela é engajamento do corpo, inscrição num espaço, relação consigo e com os outros” (CHARTIER, 1999, p. 16).

Em face deste contexto, os Estudos Pós-Colônias e Étnico-Raciais tornaram-se fundamentais para o desenvolvimento desta temática em investigação, por permitir que fossem visualizados, a partir dos processos simbólicos formulados em seu entorno, os fios sociais, históricos e culturais, que lhe tecem e lhe servem de sustentação. Assim, o pós-colonialismo, favorece-nos na medida em que contribui para fazer ruir velhas estruturas de dominação e poder, colocando na centralidade do discurso temáticas até então consideradas periféricas e subalternas, à guisa das HQs com personagens negros, para fins de desconstruir a estrutura social, política e econômica, hegemonicamente impostas, abrindo-se desta forma a novas possibilidades.

Quanto aos estudos Étnico-Raciais estes ajudam a fazer ecoar as vozes dos grupos minoritários discriminados. Desvelando através de denúncias sistêmicas e ações de políticas afirmativas, a presença marcante da discriminação, do preconceito, do racismo e de tantas outras formas de opressão, que assolam a sociedade, principalmente as de ordem econômica, prestigiando pensamentos e conhecimentos não-ocidentais que contribuem para a construção de atitudes e valores que faz o sujeito reconhecer-se como sujeito apto a interagir e assegurar seus direitos legais, valorizando desta forma a sua identidade.

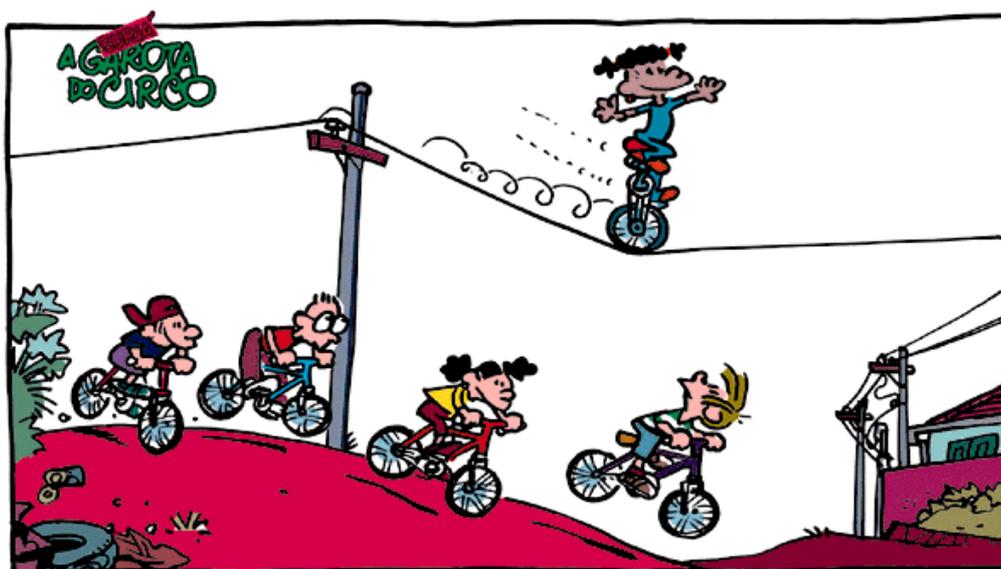
Neste sentido, as reflexões que aqui reverberam, pretende escapar da rigidez proposta por muitos educadores na sala de aula, pois ao incorporar as narrativas quadrinizadas a sua prática cotidiana, devido a sua potencialidade, contribuirá de forma positiva na rearticulação e reorganização do imaginário das crianças e jovens. Entre palavras, imagens e ideias, a lhes penetrar os sentidos, os leitores-estudantes poderá estabelecer novas condutas e adentrar ao mundo imagético informacional das Histórias em Quadrinhos.

2. LENDO QUADRINHOS, TECENDO PALAVRAS

No Brasil, a produção de quadrinhos sempre esteve desvinculada das temáticas relativas às questões étnico-raciais. No entanto, a partir de 1990 este quadro começou a ganhar novos contornos em função dos projetos antirracistas propositivos formulados pela comunidade negra. Esses espaços em movimentos de insurgência, intensificados por ações políticas, culturais, literárias, artísticas, entre outros, reavivaram sujeitos negros e não-negros, a produziram narrativas que contribuíssem concretamente, ou graficamente com essas lutas sociais. E assim nasceram as personagens *Suriá* e *Luana*, a favor da construção de um futuro, mas solidário e justo.

As Histórias em Quadrinhos *Suriá, a menina do circo* nasceu em 1997. Seu criador, o artista Laerte, a publicou no suplemento infantil do jornal de *Folha de S. Paulo*, a *Folhinha*. *Suriá* é uma menina negra de 8 anos que atua, na narrativa quadrinizada, como protagonista da história. Trapezista, mora com seu pai que é negro, sua mãe que é branca, e seus amigos no circo. Sua relação social com o grupo em que vive é de igualdade, e, como toda criança, tem os seus momentos de traquinices e indagações.

Figura 1 – Suriá, a menina do circo



FONTE: LAERTE. *Suriá: a garota do circo*. São Paulo, Devir – Jacaranda, 2000, p. 8.

Embora biologicamente e/ou etnicamente pertencente a dois grupos raciais, o autor da obra estabeleceu para a protagonista da história uma identidade negra. E como negra,

Suriá, conforme quadro abaixo, tem o direito de ser rainha, princesa, como seus ancestrais africanos o foram, com direito a uma representação humanizada e a exercer sua cidadania.

Figura 2 – Suriá, a menina do circo



FONTE: SURIÁ. Folha de São Paulo. 19 jul.2003. Folhinha.

As narrativas foram elaboradas fora dos padrões relacionais polarizados, cujos modelos de representações normalmente estabeleciam para as personagens brancas papéis do bem e/ou do bom, e para as personagens negras, papéis do mal e /ou do ruim. Assim, o autor rompe com a produção de um quadrinho de base colonialista, que durante muito tempo legitimou a dominação de um povo (branco) sobre outro (negro), reforçando as representações sociais negativas e estigmatizantes no que diz respeito aos conceitos e concepções relativos aos negros e negras.

Laerte deixa ruir estas concepções profundamente distorcidas, e cria uma personagem baseada “[...] no cidadão concreto e não apenas no valor abstrato de cidadão” (SILVA, 2011, p. 100). A aproximação, o diálogo, a convivência com essa personagem podem contribuir para eliminar preconceitos e valores de juízos negativos sobre a comunidade negra, porque o convívio diário, a conscientização de que *Suriá* vive experiências, como cada um deles, permitirá romper com conceitos eivados sobre si mesmo e sobre o outro (SILVA, 2011).

As histórias de *Suriá* também foram publicadas em formato de livros pela editora Devir/Jacaranda. A primeira, *Suriá, a menina do circo* (2003), e a segunda, *Suriá, contra o dono do circo* (2003). Nestas obras o autor reafirma a posição de centralidade da personagem

e a mantém em posição social de igualdade e prestígio mantendo a qualidade interna do seu trabalho.

Quanto à personagem *Luana*, esta foi criada no ano de 2000, por Aroldo Macedo. Esta publicação teve grande repercussão nacional, através da revista *Luana e sua turma*. A ideia de se publicar uma revista cuja protagonista fosse uma criança negra surgiu quando o autor conheceu uma menina que, sob forte influência do arquétipo eurocêntrico disseminado através dos programas televisivos infantis, cujas apresentadoras eram brancas e loiras; queria para si o modelo ideológico de prestígio difundido.

Figura 3 – Luana em: causos da vovó Josefa



FONTE: MACEDO, Aroldo. *Luana e sua turma*, São Paulo: Toque de Mydas, 2000. Vol. 2.

Em face desta realidade, o autor resolveu produzir um quadrinho que privilegiasse a história e a cultura negro-brasileira, na tentativa de desconstruir as representações sociais cristalizadas pela mídia televisiva nacional. E, assim, nasceu *Luana e sua turma*, buscando dar um sentido diferente às coisas e às palavras fixando novos elementos a este universo simbólico tão perverso. Com oito anos, a personagem aparece nas narrativas ao lado da sua mãe, Dona Nena; seu pai, Calça Larga; seu irmão, Luisinho; sua avó, Josefa; seus amigos, Zeca, Pipoquinha, Rebeca, Sato, Amanda; seu cachorro, Sultão; os terríveis vilões Fumaça Mortal, Magrelo, Pescoço, Bigode e Oscar Abina, além de outras personagens; vivendo as aventuras cotidianas de uma heroína-criança em Cafindé, comunidade quilombola remanescente onde vive.

Com sua roupa branca da capoeira, que a transporta para outros tempos e lugares, e com seus cabelos trançados e enfeitados com miçangas e contas coloridas, que se agitam ao som dos atabaques e do seu berimbau mágico, Luana deixa-nos transparecer as “[...] marcas externas de preservação de seus vínculos identitários e das afiliações míticas [...]” (SOUZA,

2005, p. 169) com o povo africano. A roupa branca remete-nos a Oxalá e Yemanjá, as contas vermelhas leva-nos a Xangó, as amarelas a Oxum, as verdes a Ossain, “[...] fragmentos da religião dos Orixás, trazida juntamente com os africanos e recriada no Brasil [...]” (SOUZA, 2005, p. 169).

Figura 4 – Luana



Fonte: <http://www.luana.com.br/>. Acesso em 2 jul. 2008.

Esta revista circulou no ano de 2000, com seis edições, do número 1 ao 6, em 2005, do número 7 ao 12 e, em 2008, do número 13 ao 18, última jornada da personagem nas páginas das Histórias em Quadrinhos. O autor, ao lado de Oswaldo Faustino, escreveu três livros com a personagem, são eles: *Luana, a menina que viu o Brasil neném*, 2000; *Luana e as sementes de Zumbi*, 2007 e *Luana, capoeira e liberdade*, 2007.

Em *Suriá* e *Luana*, podemos ver sonhos e esperanças semeadas, mudanças de paradigma cultivadas no terreno das matrizes africanas e afro-brasileiras. Histórias que contribuirão para que os alunos embarquem no mundo da leitura, e desenvolvam o gosto e o interesse por narrativas cujas personagens principais são negras. Transformando assim, a ação de ler em uma propícia, constante e inquietante fonte de reflexão e prazer.

3. ESTRATÉGIAS PARA LER QUADRINHOS

Lemos, desde a mais remota existência humana, anteriormente as primeiras inscrições grafadas nas cavernas do paleolítico e a criação da escrita, pois as nossas leituras iniciais se constituem a partir das relações estabelecidas no e com o mundo, e dele não pode deixar de prescindir. Doravante a compreensão deste mundo imediato, que nos fala “que a

leitura de mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele” (FREIRE, 1989, p. 13) é que outras leituras se articulam.

O primeiro grupo social de coesão, apoio mútuo, cooperação e solidariedade que se inicia a leitura é no seio familiar (SILVA, 2011). Entre seus familiares crianças e jovens podem semear e consolidar suas identidades e a autoestima positiva. Isto em função da família ser “[...] a matriz construtora desses elementos, o espaço da ancestralidade, da afetividade, da emoção, da aprendizagem dos diversos padrões sociais” (SILVA, 2011, p. 109).

Após esse encontro com a leitura da palavra, e dos primeiros contatos com o universo letrado, só que de maneira informal, outros encontros extra-familiares passam a ser estabelecidos, e a escola agrega-se a essa lógica buscando a formação de sujeitos-leitores. Neste espaço intra-escolar, a criança se confrontará com uma nova forma de leitura, agora em conformidade com a palavra escrita, tendo o professor como mediador deste processo de ensino-aprendizagem.

O professor, consciente do seu papel, que é político, e assumindo uma posição de colocá-lo na prática, (o quê e o como fazer), fará com que “[...] a leitura da palavra, da frase, da sentença, jamais signifique uma ruptura com a "leitura" do mundo” (FREIRE, 1989, p. 11).

Esse contato democrático com a leitura no espaço escolar poderá se dá através de diferentes vias, aqui especificamente a nossa trajetória percorre o mundo imagético das Histórias em Quadrinhos através das personagens negras *Suriá* e *Luana*. Acredita-se que o uso destas narrativas possam alargar as probabilidades das aulas tornarem-se mais exitosas. Principalmente por que estas se propõem a desconstruir os estereótipos e preconceitos racistas sobre o corpo negro, o cabelo crespo, e adentrar nas tradições e na trajetória da população negra.

Evidenciando essa “[...] consciência de *missão* a cumprir”, este “[...] desejo “pedagógico” de contribuir para que outros afro-brasileiros despertem para a necessidade de lutar contra” (SOUZA, 2005, p. 64) este sistema de desigualdades, a ação docente se constituirá prática social, artífice na construção de uma educação libertadora. Nessa direção, o ato de ler, não se restringirá apenas ao sentido atribuído ao texto pelo autor, nem tão pouco a mera decodificação do leitor, mas transitará nesta metamorfose cíclica que é a vida cotidiana, dando ao lido novas significações. E assim, nesta fusão icônica/verbal, a leitura concretizar-se-á e realizar-se-á de forma mais eficiente, ampliando a compreensão de conceitos que talvez tratados isoladamente tornar-se-iam ininteligíveis.

Em vista disso, as HQs podem tornar-se instrumento relevante de identificação da dinâmica social. Ponto de interlocução entre texto e imagem, teoria e prática. Excelente exercício para avultar as aptidões e habilidades cognitivas do sujeito-leitor-estudante. Espaço constitutivo, apto a fazer emergir desejos de transformação, seja acerca de si mesmo, tanto quanto dos espaços pelos quais transita. Para tanto, será necessário que estas crianças e jovens vão literal e literariamente costurando a circulação das informações que lhes são apresentadas através das narrativas quadrinizadas.

Informações que incluem hábitos e atitudes de respeito às lembranças, saberes e longevidade dos mais velhos, tão presentes na cultura africana, e que normalmente são transmitidas de forma direta, dinâmica, pessoal e intragrupal. Tais considerações respeitadas, devem estender-se aos diferentes grupos étnicos raciais, e suas diferentes manifestações culturais e religiosas, que, juntos, tecem e compõem a história e a vida do nosso país.

Neste espaço fronteiriço que é a escola, onde forças opositoras coadjuvam, a prática da leitura, cuja funcionalidade é mais que informar, poderá se constituir uma ação de empoderamento e de implementação da cultura de origem negro-africana. Ao apropriar-se do lido, outros discursos passam a ser construídos, e os alunos podem em acordo as suas vivências estabelecerem para si conexões entre o mundo real e o seu imaginário, preenchendo o seu horizonte de expectativas, de forma consciente, em meio aos condicionamentos estabelecidos pela sociedade vigente.

De certo modo, esse processo de imbrincamento lhes dará possibilidades de construir novas histórias, conhecer novos lugares, ser transportado há outros tempos, em um processo contínuo de autorreconhecimento e de aquisição de conhecimento. O educando, nesse sentido, se posiciona como sujeito do processo de aprendizagem e é um agente de transformação social, cabendo ao professor a criação de atividades que oportunize a essas crianças e jovens múltiplas experiências com a leitura.

Entre os diferentes caminhos que podem ser trilhados, proporemos um diálogo dinâmico de interlocução entre o leitor e o texto quadrinado, a partir de uma dimensão cultural, que é a resultante “[...] da atividade humana, do esforço criador e recriador do homem, de seu trabalho por estabelecer relações de diálogo com outros homens. baseando-se em três estratégias possíveis de leitura, que também podem ser alargadas a outros textos” (FREIRE, 1980, p. 38). São elas: a leitura-busca-de-informações, a leitura-estudo-do-texto, a leitura-pretexto, e a leitura- fruição (GERALDI, 1999).

No processo leitura-busca-de-informações, o professor como mediador do conhecimento, deve apresentar aos educandos as narrativas quadrinizadas, questionando-os

intermitentemente sobre os porquês e os para quês da presença deste texto na sala de aula. Quais questionamentos nos inquietam em face destas narrativas? Quais informações novas essas narrativas podem nos trazer? Neste ínterim, poderão ser levantados, tema ou ideia principal do texto, títulos, conhecimentos prévios sobre o assunto, quem são os autores das obras, quais as perspectivas dos leitores, entre outros aspectos.

Na relação estabelecida do leitor com o texto a partir da leitura-estudo-do-texto, deve-se levantar as teses defendidas no texto, os argumentos apresentados em favor da tese defendida, os contra-argumentos levantados em teses contrárias e a coerência entre tese e argumento. O que o texto tem a nos dizer?

No que diz respeito à leitura-pretexto, em acordo a imensa potencialidade dos quadrinhos, esta pode seguir em diferentes direções. Após a leitura do texto, estas podem ser recontadas de várias maneiras: através de peças teatrais, musicais, em forma de notícias, e em novas formas de narrativas quadrinizadas. Não há limite para a imaginação.

Quanto à leitura-fruição, esta é motivada pelo prazer da leitura, pelo desfrute da obra. Mas como fomentar no aluno esse gosto pela leitura? Como desvincular esta leitura das obrigatoriedades conteudistas, tão arraigadas no ambiente escolar? Como promover o mundo da fantasia e ao mesmo tempo compreender a realidade em que vivemos?

Para o encaminhamento pedagógico da leitura faz-se necessário o estabelecimento de vias organizacionais que propiciem uma estreita articulação entre o objeto lido, as Histórias em Quadrinhos, *Suriá* e *Luana*, com as vivências e experiências de vida das crianças e jovens. Neste contexto a arte quadrinista pode difundir concepções que ajudem o educando a se descobrir, se expressar, se libertar, e desenvolver suas habilidades, assegurando a este a apropriação do conhecimento.

É de grande valia, que em um contexto de tantos silenciamentos, que todos os leitores-estudantes sejam ouvidos. Conforme Cuti (2010, p. 47), “falar e ser ouvido é um ato de poder”, assim como ler. Para que neles nasçam o desejo de conhecer a história e cultura dos africanos e afro-brasileiros, de avultar a curiosidade sobre a temática, aderindo, assim, à leitura das histórias. Neste sentido, ao ler, o leitor estará ciente de quais informações ele poderá buscar ali no texto, e ir além.

E o ato de ler poderá tornar-se duplamente gratificante, na medida em que ao estabelecer um contato com o conhecido, lhes fornecer as facilidades da acomodação, e as possibilidades de o sujeito encontrar-se no texto. No que tange à experiência com o desconhecido, fará surgir a descoberta de modos alternativos de ser e de viver (AGUIAR; BORDINI, 1993).

A partir dessas leituras, crianças e jovens poderão começar a se questionar quanto ao seguinte: Quem podemos ser – ou nos tornar – ao lermos essas HQs? Nessas histórias, como estamos sendo representados? De que modo tais representações podem afetar a forma com a qual nós mesmos podemos nos representar? (HALL, 2007).

Por outro lado, não podemos nos esquecer que essas mesmas obras se encontram sobre forte influência do mercado e dele não pode escapar, pois, encontram-se envolta nas relações de consumo. Por isso, ao serem encaminhadas para a sala de aula não podem tornar-se apenas mais um elemento da indústria do entretenimento, ou apenas

[...] produtos da indústria folclórica de exóticos, aparentemente fomentadores de princípios para emancipações materiais, culturais e existenciais, mas na realidade, sem máscaras, significam a continuidade de uma crônica situação de alienação integral do ser negro (CONCEIÇÃO, 2009, p.51).

Desse modo o papel que a escola deve assumir na vida dessas crianças e jovens deve transpor as fronteiras do ensinar. A escola deve inserir-se ao lado de políticas de inclusão, que visam preservar e difundir a história e a cultura negra, a fim de contribuir para que esse leitores-estudantes compreendam a força do uso da palavra escrita, e as relações de poder e saber que se criam em seu entorno, e que por isso dela deve apropriar-se. Neste sentido, quanto maior for o número de projetos desenvolvidos com esta funcionalidade, mais nos aproximaremos das metas desejadas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desenvolver tais procedimentos de leitura na sala de aula não é tarefa das mais fáceis, embora imprescindível, uma vez que pode resultar na formação de um leitor crítico e reflexivo, consciente da sua ancestralidade de mátria africana. Estas práticas educacionais, ainda que não supram as necessidades globais de mudanças, acendem pequenas chamas de esperanças, e nos incita na construção de outras pontes que assegurem a participação do negro em vários setores, numa “[...] barreira eficaz à progressão do racismo e das desigualdades sociais nele alicerçadas” (MOORE, 2005. p. 316).

Estas histórias, circulando entre os que aprendem e os que ensinam, por seu teor inovador, são poderosas ferramentas formuladoras de opinião. A comunidade negra, ao ler as

tiras, ver-se-á ali refletido, assim como a seus pares de modo positivo, e poderá interagir de forma ativa com esta construção, reformulando os seus conceitos identitários.

Práticas de leitura como estas ajudam a derrubar os projetos conservadores “[...] de sustentação de um *status quo* sócio-racial baseado na dominação hegemônica de uma raça sobre outra, e da supremacia social de uma classe sobre todas as outras” (MOORE, 2005. p. 318).

Podemos inferir, neste sentido, que as Histórias em Quadrinhos com personagens negros no papel de herói e heroína, nesta linha de contra-discurso, constituíram-se, e constituem-se, em mais um elemento que fortalece as lutas por equidade da comunidade negra, na medida em que suas páginas deixaram de publicar narrativas nas quais os negros ocupavam lugar de inferioridade, criando um clima favorável a leitura, favorecendo assim na criação de novas ideias que podem afetar as estruturas sociais impostas. Porém, tais medidas, necessitam vim em consonância com melhorias do ensino e redistribuição de renda, pois, somente ações conjuntas propiciarão o enfrentamento e a superação das desigualdades vivenciadas pela comunidade negra.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T.; BORDINI, M. G. **Literatura - a formação do leitor**: alternativas metodológicas. 2 ed., Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Brasil: Congresso Nacional, 1996.

Chartier, R. (1999). **A ordem dos livros**: Leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII. Brasília, DF: Editora da Universidade de Brasília.

CONCEIÇÃO, JORGE. **Capoeira Angola**: educação pluriétnica, corporal e ambiental. Salvador: Vento Leste, 2009.

CUTI. **Literatura Negro-Brasileira**. São Paulo: Selo Negro, 2010.

FREIRE, Paulo. **Conscientização - teoria e prática da libertação**: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3 ed. São Paulo: Cortez e Moraes, 1980.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989.

GERALDI, João Wanderley. et al. (orgs.). **O texto na sala de aula**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1999.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás Tadeu da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOORE, Carlos. Do Marco Histórico das Políticas Públicas de Ação Afirmativa. In: SANTOS, Sales Augusto dos (Org). **Ações Afirmativas e Combate ao Racismo nas Américas**. Brasília: Ministério da Educação, UNESCO, 2005.

SILVA, ANA CÉLIA. **A representação social do negro no livro didático**: o que mudou? Por que mudou? Salvador: Edufba, 2011.

SOUZA, Florentina da Silva. **Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VERGUEIRO, Waldomiro. As histórias em quadrinhos no limiar de novos tempos: em busca de sua legitimação como produto artístico e intelectualmente valorizado. In: **Visualidades**: Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual I, Faculdade de Artes Visuais I UFG. Goiânia-GO: UFG, v. 7, n. 1, p. 14 - 41, jan./jun. 2009